



## TELEVISÃO

# A voz inesquecível do “Boa noite”

Cid Moreira morre aos 97 anos como referência em telejornalismo, entretenimento e narração de conteúdo religioso

» BIANCA LUCCA\*  
» MARIANA REGINATO\*

Reprodução/Redes Sociais



Ícone da televisão: Cid Moreira deu “Boa noite” oito mil vezes no JN, antes de emprestar a voz a outros sucessos como “Mister M” e “Jabalani”

O Brasil se despede de uma das vozes mais marcantes da história do telejornalismo. Cid Moreira, jornalista, locutor e apresentador que marcou gerações, morreu, ontem, aos 97 anos, em decorrência de complicações causadas por pneumonia. Com uma carreira de mais de seis décadas, Cid tornou-se um ícone da televisão. O rosto marcante e a voz inconfundível eram presença constante na sala de estar de milhões de brasileiros.

Ontem, o telejornal de maior audiência do país exibiu uma edição especial em homenagem a Cid Moreira. Na abertura, um sinal de respeito: a tradicional vinheta do Jornal Nacional foi deixada de lado. Por alguns segundos, a câmera “viajou” pelo estúdio da TV Globo até exibir a imagem da apresentadora Renata Vasconcelos. Visivelmente emocionada, a jornalista anunciou a morte do ícone da televisão.

No encerramento, mais uma homenagem. Em sinal de luto, o JN terminou sem vinheta. Mas quem se despediu dos telespectadores foi Cid Moreira, com a reprise de um derradeiro “Boa noite”.

Internado no Hospital Santa Teresa, em Petrópolis (RJ), desde 4 de setembro, o jornalista não resistiu e morreu de falência múltipla dos órgãos. O libríano havia completado 97 anos em 29 de setembro.

Cid era filho do bibliotecário Isaura Moreira e da dona de casa Elza Moreira, irmão do locutor Célio Moreira. Formou-se em contabilidade em 1944. Nascido em Taubaté (SP), iniciou a trajetória no rádio nos anos 1940, destacando-se, rapidamente, pela voz grave e imponente.

Em 1969, passou a comandar o Jornal Nacional, função que ocupou até 1996, tornando-se uma figura emblemática da TV Globo. Durante esses anos, narrou momentos históricos, como a redemocratização do país, o impeachment de um presidente da República e acontecimentos globais de grande impacto.

A carreira jornalística começou na Rádio Difusora de Taubaté. De lá, Cid mudou-se para São Paulo, onde trabalhou na Rádio Bandeirantes e na Propago

Publicidade. Em 1951, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi contratado pela Rádio Mayrink Veiga. Deu início à experiência na televisão, na qual apresentou comerciais ao vivo em programas como Além da Imaginação e Noite de Gala, na TV Rio.

Em 1963, Cid estreou como locutor de noticiários no Jornal de Vanguardas, da TV Rio. Nos anos seguintes, o jornalista continuou a apresentar o programa nas emissoras Tupi, Globo, Excelsior e Continental. Em 1969, ao substituir Luís Jatobá no Jornal da Globo, Cid foi escalado como o primeiro apresentador do recém-lançado Jornal Nacional, o primeiro telejornal transmitido em rede no Brasil. A estreia ocorreu em setembro de 1969, e Cid dividiu a bancada com Hilton Gomes.

O “boa noite” diário do apresentador marcou gerações de telespectadores brasileiros. Em entrevista do arquivo do Memória Globo, Cid reflete sobre o compromisso com o trabalho: “Gosto mais das notícias de grande impacto, de emoção, porque eu tenho sensibilidade para passar isso, e consegui passar durante



**O Cid, depois que saiu do Jornal Nacional, conseguiu ser marcante de outras formas, até com certo humor. A voz do quadro do Mister M, quem não lembra? (Ele foi) A voz que immortalizou o nome de uma bola de futebol, durante a Copa do Mundo, em 2010. Esse é o profissional que chegava às casas das pessoas”**

William Bonner, jornalista

todos esses anos. Quando o Drummond morreu, fizemos um ‘boa noite’ diferente. No final do jornal, sussurrei: ‘E



**Quando comecei a assistir ao Jornal Nacional, ele estava lá. Quando me tornei jornalista, ele estava lá. A primeira vez em que entrei ao vivo no JN, foi ele que chamou o meu nome: “De lá fala ao vivo a repórter Fátima Bernardes”. A voz dele naquela bancada, era uma grife, um selo de qualidade. Cid Moreira se foi, mas não será esquecido”**

Fátima Bernardes, jornalista

agora, José? Ninguém esperava isso. Fizemos uma fila para me cumprimentar, e até hoje me sinto honrado.”

Segundo o Memória Globo, Cid estreou no jornal com grande nervosismo, que ele próprio custou a entender: “Eu chegava no horário de fazer o jornal, não participava da redação. Eu só ia para apresentar o jornal. Naquela dia, cheguei e vi aquele nervosismo, todo mundo preocupado. E, para mim, era normal. Mas no dia seguinte, vi na capa do jornal O Globo: Jornal Nacional... Aí comecei a perceber a dimensão”, revela. “Eu ainda tinha na minha cabeça a ideia de rádio, que estava em todos os lares, em todas as casas, pela facilidade. A televisão não tinha essa facilidade”, relatou.

Paulo José Araújo da Cunha, jornalista e professor na Universidade de Brasília (UnB), destaca que Cid Moreira transformou o jornalismo por completo. “Antes, o telejornalismo era puramente sensacionalista, não havia credibilidade. Houve um salto de qualidade na época em que Cid estava apresentando”, comenta.

Cunha observa que os jornalistas buscavam o que Cid possuía naturalmente. “Ele era muito eloquente e tinha a voz muito marcante. Lia as matérias em um papel, não utilizava o

teleprompter. Cid se tornou uma figura de credibilidade e muitas pessoas só acreditavam na informação quando ouviam pela sua voz”, destaca.

Em 1991, Cid Moreira deu uma entrevista para a revista Playboy. Falou sobre dinheiro, notícias falsas, viagens e relação com os fãs de forma descontraída. Ao ser perguntado sobre o segredo de estar 22 anos em frente às câmeras, Cid respondeu: “Há profissionais que criam um estilo, são reconhecidos por aquela maneira de falar e, mesmo depois de 50 anos, o cara não muda. Eu sou contra isso. Acho que é como na vida, como naquela teoria de que nada se perde, tudo se transforma. Um fator meu de permanência é que eu tenho a capacidade de me adequar. A minha narração, se você prestar atenção, para cada assunto, eu faço diferente”, disse.

Após 26 anos como apresentador do Jornal Nacional e 8 mil ‘boa noite’, William Bonner e Lillian Witte Fibe passaram a comandar o programa em 1996. Cid permaneceu na Rede Globo e revezou com outros apresentadores no Fantástico. Em 1999, narrou o quadro do ilusionista Mr. M, um dos grandes sucessos do programa no ano. A voz do locutor ficou de tal forma associada ao quadro que, quando Mr. M esteve no Brasil, no ano seguinte, o próprio Cid Moreira o entrevistou com exclusividade para o programa dominical da TV Globo.

Em 2010, durante a Copa do Mundo da África do Sul, Cid gravou uma vinheta a ser exibida durante as reportagens do Fantástico e de programas esportivos da Rede Globo. A vinheta “Jabalani”, nome da bola da Copa, foi um sucesso.

Além do jornalismo, o apresentador dedicou-se à divulgação da Bíblia. Gravou textos sagrados em áudio que alcançaram milhões de brasileiros, disponíveis no Youtube. Esse projeto reforçou a imagem de um homem de princípios e profunda espiritualidade. Em 2011, cumpriu o objetivo de gravar a Bíblia na íntegra. Os CDs com a locução de Cid se tornaram um grande sucesso, com milhões de cópias vendidas.

\*Estagiárias sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza

## ENSINO SUPERIOR

### Conclusão de curso é maior entre cotistas, aponta MEC

» LUANA PATRIOLINO

Os estudantes que ingressaram em universidades e instituições federais por meio do sistema de cotas tiveram uma taxa de conclusão 10% maior que a de não cotistas, em uma década (2014-2023), segundo o Censo da Educação Superior, divulgado ontem. Os dados foram coletados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e pelo Ministério da Educação (MEC).

De acordo com os indicadores,

no último ano, 51% dos alunos cotistas concluíram o curso, enquanto os não cotistas ficaram em 41%. Nas faculdades particulares, o cenário é similar — com destaque para os estudantes que ingressaram no ensino superior por meio de iniciativas do governo.

Dados apontaram que o Programa Universidade para Todos (Prouni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) impactaram positivamente na taxa de concluintes dos cursos de graduação no Brasil: 58% dos

beneficiários concluíram a etapa, no ano passado, contra 36% entre os estudantes que não fazem parte da política.

Entre os alunos que estudaram por meio do Fies, o índice foi de 15% superior ao de quem não usa o auxílio: 49% para 34%. O ministro da Educação substituto, Leonardo Barchini, ressaltou a importância de incentivar programas para a inclusão de minorias.

“Os dados nos mostraram que o caminho é cuidar desses estudantes, especialmente dos que mais precisam, porque eles respondem, eles dão resultado quando instados a entrar na educação superior. A gente dá uma chance para esses estudantes de baixa renda, pretos, pardos

e indígenas, e eles respondem.”, disse, durante a apresentação dos dados.

Para o secretário de Educação Superior do MEC, Alexandre Brasil, o desafio é garantir o acesso e a permanência dos estudantes na educação superior e investir na consolidação das universidades e institutos federais do país.

“No caso das federais, tem todo o desafio de investir na consolidação, na construção de restaurantes universitários e de moradias estudantis. A preocupação é fortalecer a permanência, o acesso e oferecer recursos para os que os estudantes terminem os cursos, para ampliar a educação superior e contribuir no desenvolvimento desse país”, afirmou.

### Ensino a distância

Em 2023, nos cursos de formação de professor (como pedagogia e licenciaturas), 67% dos universitários estudavam a distância. Segundo os dados do MEC e do Inep, considerando apenas aqueles que ingressaram na graduação no ano passado, 81% optaram pela modalidade EAD.

O ministro da Educação, Camilo Santana, defende uma reformulação nessa modalidade de ensino. “Não somos contra o ensino a distância. É preciso um novo marco regulatório para isso”, disse o chefe da pasta em audiência da Câmara dos Deputados no ano passado.

O Ministério da Educação suspendeu, até 10 de março de 2025, a criação de novos cursos de

graduação a distância, novas vagas e polos de EaD. Segundo o órgão, a decisão faz parte do processo de revisão do marco regulatório da educação a distância, que tem como objetivo garantir a sustentabilidade e a qualidade dos cursos de graduação oferecidos nessa modalidade.

O censo de 2023 registrou 2.580 instituições de educação superior. Dessas, 87,8% (2.264) eram privadas e 12,2% (316), públicas. A rede privada disponibilizou 95,9% (23.681.916) das mais de 24,6 milhões de vagas. A pública foi responsável por 4,1% (1.005.214), com 65,5% (658.273) dessas vagas em instituições federais. Na modalidade de Educação a Distância, a oferta foi de 77,2% (19.181.871). As presenciais representaram 22,8% (5.505.259).